

DISCUSSÕES INICIAIS SOBRE A DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE TEATRO-LICENCIATURA

VANESSA CALDEIRA LEITE¹; MARIA MANUELA ALVES GARCIA²

¹Centro de Artes-UFPEL – leite.vanessa@hotmail.com

²PPGE-FAE-UFPEL– garciamariamauela@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com este trabalho realizo uma breve discussão sobre os Estágios no Curso de Teatro – Licenciatura da UFPEL. O tema do estágio (momento curricular obrigatório em que os alunos se preparam e são levados a assumir a atividade de ensino e regência de classe) na formação inicial de professores é central na minha pesquisa de doutorado em educação.

A pesquisa de doutorado está centrada nas seguintes questões: Como os alunos, futuros professores da educação básica, vêm se constituindo no interior nas disciplinas de Estágios supervisionados em que eles assumem (ou vivenciam) a regência de classe? A partir dessas experiências de Estágios como percebem o ser e os fazeres docente? Como problematizam o ensinar, o aprender, a escola, a pedagogia e o próprio Teatro na escola a partir dessas vivências?

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, trago um breve diagnóstico sobre os sentidos que o Estágio vem assumindo na formação inicial e seus efeitos na identidade do futuro professor, a partir da análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e da análise das vivências nas disciplinas de Estágio do curso, das quais eu fui responsável. Para tanto, a metodologia empregada foi de caráter qualitativo, por trabalhar com o universo dos significados e das relações estabelecidas entre os discursos sobre a prática e o Estágio presentes no PPC.

O PPC (UFPEL, 2009) foi selecionado para compor as análises por compreender que ele é um discurso oficial e uma “política como texto”. (BALL, 1994). Tornaram-se referência para a formação e direta ou indiretamente estão produzindo novos discursos, atitudes pedagógicas e valores para o ensino. Para Ball (1994), as políticas atuam sempre na relação entre a política como texto e a política como discurso e é importante reconhecermos os textos como produtos de múltiplas influências, agendas e negociações.

3.1 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE TEATRO-LICENCIATURA

A organização curricular básica do Curso está dividida em quatro áreas de conhecimento, que juntas somam a carga horária total de formação de 2933 horas: Área de Conhecimento de Fundamentos do Teatro (1462 h – 50% da carga horária total); Área de Conhecimento Humanístico – Pedagógico (323 h – 11%); Área de Integração e Pesquisa (948 h – 32%); Núcleo de Formação Livre (200h – 7%).

É visível a hierarquização das áreas de conhecimentos estabelecidas pelo PPC, de modo que a metade da carga horária do Curso é destinada para conteúdos específicos da área de conhecimento em Teatro, e apenas 11% são destinados para conteúdos pedagógicos, embora se trate de um curso de licenciatura, ainda prevalecem questões de cunho teórico-científicas em Teatro.

Mais do que carga horária, distribuição de disciplinas e toda organização curricular em cada semestre, o PPC apresenta questões de cunho conceitual, pedagógico e metodológico do curso. Primeiramente a ideia de *competências*.

Embora não seja uma abordagem nova (já utilizada pelos EUA na década de 70) essa noção de competências está ainda mais presente com as reformas educacionais desde o início dos anos 90 e especialmente na formação docente pode ser lida como uma centralidade do *saber fazer*.

A noção de competência relaciona-se, segundo Maués (2003, p. 105) com o mundo da indústria e das empresas, através de uma indicação de que a escola deve ser flexível e a formação polivalente, já que o mundo das indústrias necessita de uma acelerada e dinâmica renovação, vinculando-se educação ao mercado, ou em mercadoria, de certo modo, há uma repaginação da pedagogia tecnicista.

Segundo o Projeto Pedagógico analisado as competências devem se refletir nos “objetivos da formação, na eleição de seus conteúdos, na organização curricular, na abordagem metodológica, na criação de diferentes tempos e espaços de vivência para o professor em formação”. (UFPEL, 2009, p. 13). O que reitera que as competências não possuem conteúdos próprios, pois os conteúdos por elas mobilizados podem variar conforme o desempenho a ser desenvolvido e partem de diferentes disciplinas, articuladas entre si e segundo as exigências das situações concretas. (DIAS; LOPES, 2003).

Na unidade metodológica do documento analisado a *interdisciplinaridade* aparece como metodologia integrada, como “uma prática de negociação entre pontos de vista, projetos e interesses diferentes”. (UFPEL, 2009, p. 23).

3.2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO CURSO TEATRO-LICENCIATURA

As disciplinas de Estágio I, II e III fazem parte do currículo do curso, acontecem nos três últimos semestres, totalizando 408 horas, cumprindo a exigência das DCN (Brasil, 2002) de 400 horas de Estágio para formação docente. O que apresento neste momento é o resultado do cruzamento desta estrutura curricular e suas definições e indicações para os Estágios, com a minha experiência de professora orientadora destes Estágios, desde a primeira edição do Estágio I, II e III, com a primeira turma do curso de Teatro.

De acordo com as ementas, previstas no PPC, o Estágio I é definido como: “Vivências de situações práticas de ensino de Teatro na educação infantil e/ou séries iniciais e finais do ensino fundamental em escola de ensino regular”. O Estágio II “Vivências de situações práticas de ensino de Teatro no ensino médio e/ou técnico em escola de ensino regular”. E o Estágio III: “Vivências de situações práticas de ensino de Teatro na comunidade”.

Os objetivos anunciados para os Estágios são:

Desenvolver capacidade de reflexão crítica sobre o ensino de Teatro no contexto escolar e na comunidade, inter-relacionada com elementos antropológicos, socioculturais e político-econômicos;

Possibilitar conhecimentos e habilidades didático-pedagógicas necessárias para elaboração de planejamentos, formulação de objetivos;

Discutir sobre os processos avaliativos e a utilização de recursos materiais no Ensino de Teatro na escola e na comunidade.

Os programas dos três estágios possuem basicamente as mesmas unidades, diferindo apenas em questões pontuais e específicas de cada público-alvo selecionado para o exercício da docência:

Unidade1 – Metas educacionais, planejamentos, objetivos, avaliações e recursos materiais.

Unidade 2 – Propostas de intervenções, planos de curso e planos de aula.

Unidade 3 – Acompanhamento de aulas de teatro nas escolas da educação infantil e/ou no ensino fundamental (Estágio I), ou no ensino médio (Estágio II), ou em comunidades, projetos sociais, associações de bairro, etc. (Estágio III). E práticas pedagógicas supervisionadas.

Unidade 4 – Avaliação das observações e intervenções na escola (Estágio I e II). Avaliação das observações e intervenções na comunidade (Estágio III).

Unidade 5 – Seminários temáticos sobre as práticas de ensino de teatro desenvolvidas durante o estágio.

Unidade 6 – Estudos acerca da(s) infância(s) na contemporaneidade (Estágio I). Estudos sobre juventude(s) na contemporaneidade (Estágio II).

A metodologia de trabalho de cada Estágio passa pelos momentos de diagnóstico, observação, planejamento, atuação e reflexão teórica (escrita de relatório final), diferindo apenas o público-alvo de cada atuação.

Por se tratar de uma disciplina ainda não existente na grade curricular da maioria das escolas de educação básica de Pelotas, faço três destaques. Primeiro, em relação ao meu planejamento, pois tendo em vista que no curso não existiam referências anteriores de Estágios, tive que dar vida ao currículo escrito e as regulamentações sobre os Estágios. Assim, parti do seguinte questionamento para o planejamento dos Estágios: o que temos nas escolas públicas de Pelotas em relação ao saber-fazer teatral? Destaquei previamente algumas ações possíveis, sem fazer juízo de valores, apenas para diagnóstico e reflexão inicial. Encontrei algumas possibilidades, tais como:

a) Iniciativa de professores de outras disciplinas como ferramenta didática-pedagógica; b) Grupos de Teatro nas escolas, organizados e orientados por professores interessados pela prática teatral, com ou sem experiência prévia; c) Grupos de Teatro independentes (comunitários, experimentais, profissionais) que se apresentam nas escolas esporadicamente a convite ou para divulgação do próprio grupo; d) Visitas organizadas pela escola a diferentes espaços onde acontecem atividades artísticas fora dos muros da escola; e) Projetos de extensão do Curso de Teatro (desde 2008) e ações do PIBID-Teatro (desde 2010) que acontecem nas/para/com escolas por meio de oficinas extracurriculares para alunos, professores e funcionários e também possibilitam a recepção de espetáculos teatrais; f) Alunos do curso de Teatro atuando diretamente no horário curricular em razão da prática de ensino/Estágio obrigatório do curso.

A partir deste breve levantamento, constatei a importância que o curso de Teatro assume em relação não apenas com a formação do professor de Teatro, mas também com a formação cultural-teatral dos alunos da educação básica, tanto através de projetos de extensão que acontecem nas escolas com atividades extracurriculares, quanto através dos Estágios Supervisionados dos futuros professores. Com isso, o compromisso do Estágio se tornou ainda maior, pois o Teatro (não necessariamente a encenação de textos dramáticos, mas muito antes disso, o desenvolvimento do jogo teatral, da expressão corporal, do jogo dramático, da recepção e da improvisação teatral) chegaria à rotina da escola e na vida de muitos alunos pela primeira vez. E diferentemente de outros cursos de licenciatura, não tínhamos modelos de professores para copiar, criticar, pesquisar. Este foi um bom desafio que enfrentei junto com a primeira turma do curso.

Em segundo lugar, destaco o momento previsto para a observação e/ou acompanhamento do professor titular da disciplina antes da atuação do estagiário. Em nosso caso a observação não acontece da maneira recorrente, por não

conseguirmos acompanhar um professor de Teatro¹. Os alunos realizam as suas observações junto ao professor de Artes Visuais ou o professor de séries iniciais (Pedagogo), portanto, focamos a observação em questões mais circundantes da Arte e em aspectos mais formais da rotina da escola, da relação professor-aluno, da avaliação, etc.

O terceiro destaque refere-se à atuação dos nossos estagiários que acontece basicamente junto à disciplina de Arte, porém, nos casos em que a carga horária de Arte é de apenas 1h/a semanal, tivemos que adentrar em outras disciplinas para que os licenciandos cumprissem a carga horária mínima de 20h/a de prática de ensino efetiva. Assim, muitos alunos estagiaram além do horário da disciplina de Arte, junto às disciplinas de História, Educação Física, Geografia, Relações Humanas, Religião, Português e Literatura. E atualmente, com a reforma curricular do RS, atuamos também na disciplina de Seminário Integrado. Os planos de ensino são pensados a partir de uma relação interdisciplinar, com temas geradores que atravessam o Teatro e a(s) outra(s) disciplina(s), para compor a carga horária estipulada.

4. CONCLUSÕES

A imprevisibilidade durante cada aula e a cada Estágio e a complexidade de levar para as escolas públicas de Pelotas a novidade da disciplina Teatro tem produzido frutíferos debates e reflexões nas turmas de Estágio e o reconhecimento mútuo entre o curso de formação e a escola da rede; o estagiário e o professor; o estagiário e o estudante da escola; a orientadora do estágio e os supervisores da escola.

Proponho pensarmos que na ação docente coexistem as dimensões teórica e prática e redimensionarmos o paradigma do Estágio como o momento da aplicação e medição de conteúdos aprendidos no curso, e compreender que a prática docente é uma rede viva de troca, criação e transformação de significados constante. No caso particular das investigações que desenvolvo, tenho procurado entender o Estágio como uma prática social e cultural por estar diretamente comprometido com a formação dos licenciandos e dos alunos das escolas, que têm a possibilidade de conhecer e vivenciar o Teatro por intermédio das ações dos Estágios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALL, S. J. What is policy? Texts, trajectories and toolboxes. In: _____.
Education reform: a critical and post-structural approach. Great Britain: Open University, 1994.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP 02/2002.** Institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília, 19 de fevereiro de 2002.
- DIAS, R.E.; LOPES, A. C. Competências na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo. **Educação & Sociedade.** v.24, n.85, Campinas, dez. 2003. p.1155 - 1176.
- MAUÉS, O. C. Reformas internacionais da educação e formação de professores. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n.118, p. 89-117, Mar, 2003.
- UFPEL. **Projeto Pedagógico:** Curso de Teatro – Licenciatura. Pelotas, 2009.

¹ Temos, na cidade, apenas uma professora de Teatro em uma escola da rede estadual (que por estas em estágio probatório, não pode receber estagiários) e uma professora na rede particular.